

## A IGREJA, VINHA DO SENHOR

A liturgia deste vigésimo sétimo domingo comum centra-se na imagem da vinha do Senhor. A primeira leitura traz um cântico tirado do capítulo quinto de Isaías (Is 5,1-7) onde Deus cuida do Seu povo, designado pela imagem da vinha, espera frutos bons, mas só tem uvas selvagens. A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel, assim diz o cântico (Is 5,7). O Evangelho, na mesma linha, apresenta a parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-43). A vinha da qual Jesus fala é também o povo de Israel. O proprietário é Deus, o Pai de Jesus. Os primeiros arrendatários são os judeus, o povo da promessa. Os empregados representam os diversos enviados do Antigo Testamento – principalmente os profetas. Pesava sobre Israel a acusação de ser assassina de profetas, de ter matado os profetas. O Filho é Jesus, que é identificado como o herdeiro: “Este é o herdeiro. Vinde, vamos matá-lo e tomar posse da sua herança” (Mt 21,38). O Filho é morto fora da vinha, sua morte é de excomunhão. Segundo o Deuteronômio, aquele que era suspenso no madeiro era maldito de Deus. Jesus assumiu a morte de maldição, sendo morto fora da comunhão com o seu povo. A vinha será retirada de Israel e entregue a um outro povo, isto é, aos pagãos que deverão fazer com que ela produza frutos.

Hoje a vinha do Senhor somos nós, a Igreja. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 1 afirma: “Ela foi plantada pelo celeste agricultor como vinha eleita (Mt 21, 33-43). Cristo é a verdadeira vide, que dá vida e fecundidade aos ramos, quer dizer, a nós que, pela Igreja, permanecemos n’Ele e sem o qual nada podemos fazer (Jo 15,1-5)”. A nossa grande responsabilidade é produzirmos frutos: frutos de amor a Deus e ao próximo, frutos de evangelização e de missão. A condição para a Igreja produzir frutos bons é estar unido a Cristo. “Se o Espírito de Jesus não floresce nela, é estéril” (Cardeal Henri de Lubac, *Méditation sur l’Eglise*, Paris 1954, p. 40). A credibilidade da Igreja se fundamenta sempre na sua fidelidade a Jesus Cristo e ao Seu Evangelho. A Igreja será sempre mais viva, evangelizadora, missionária quanto mais, no hoje da história, transparecer Jesus Cristo e Seu Evangelho. Não esqueçamos que Igreja somos nós, discípulos de Jesus Cristo hoje. Os padres da Igreja usam a imagem da lua para se referir à Igreja pois a lua não tem luz própria, mas reflete a luz do sol. O sol é Cristo, do qual a Igreja deve refletir a luz.

A grande habilidade da Igreja será sempre aquela de, em cada época da história, ser fiel a Cristo, fazer memória de Cristo. A força e vivacidade da Igreja está na forma como faz memória de Cristo. A Igreja vive na história, por isso a necessidade de falar ao ser humano de hoje, adaptar-se àquilo que pode na história mas sem se tornar mundana. Ela se move pelos critérios do Evangelho de Jesus Cristo, não pelos critérios do mundo. Nas Palavras de H. de Lubac: “(...) Ela não é nada para nós, se para nós não é sacramento de salvação, o sinal eficaz de Jesus Cristo”.